

*O Torcicologologista,
Excelência*

*O Torcicologologista,
Excelência*

Diálogos, Cidade

CAMINHO

Vários destes textos foram anteriormente publicados na imprensa.

Título: O Torcicológista, Excelência
Autor: Gonçalo M. Tavares
© Editorial Caminho, SA – 2015
Capa: Os Espacialistas

Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: Multitipo
1.ª edição
Tiragem: 7500 exemplares
Data de impressão: Setembro de 2015
Depósito legal n.º 398 065/15
ISBN: 978-972-21-2766-0

Editorial Caminho, SA
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

1. DIÁLOGOS

2. CIDADE

1. DIÁLOGOS

Sobre a revolução

1 – A que horas começa a revolução?

2 – Ah, meu caro, a revolução é um sentimento, é uma sensação e uma necessidade de mudança. Estas sensações profundas não têm um horário marcado. São espontâneas.

1 – A que horas começa?

2 – Às três. Na praça central.

1 – E quantas pessoas estão previstas participar na revolução?

2 – Ah, meu caro, a revolução é um movimento que nasce de uma vontade individual, de uma insatisfação humana não partilhável, de um instinto solitário que nos leva a quereremos, sozinhos, destruir o velho e fazer algo de novo.

1 – Quantas pessoas?

2 – Dez mil pessoas. Dez mil e sete, mais precisamente.

1 – Dez mil?

2 – Mas se for necessário levamos mais um zero.

1 – Mais um zero?

2 – Sim, temos um cartaz branco com um zero muitíssimo bem desenhado. Se for necessário, pomos ao lado das dez mil pessoas, no lado direito, essa placa com o zero. Ficaremos assim cem mil.

1 – É assim que funciona?

2 – Sim, é assim que funciona. Desde a escola primária. Se tem o número 10 e põe um zero do lado direito, fica 100. Em que escola andou?

1 – Só uma última questão: é preciso levar alguma coisa para a revolução?

2 – Cada um leva o que sentir ser necessário, e o que for exigido pelo mais profundo do seu ser.

1 – Como?

2 – Leve uma pedra.

1 – Uma pedra?

2 – Sim.

1 – De que tamanho?

2 – O tamanho suficiente para partir um vidro.

1 – Posso levar uma pedra com o tamanho suficiente para partir uma cabeça?

2 – Meu caro, que horror!!...

1 – ...?

2 – Ok. Sim.

1 – Levo então duas pedras? Uma para partir vidros, outra para partir cabeças?

2 – Se levar duas pedras, uma em cada mão, ficará com as mãos atadas, como se costuma dizer. Ou com as mãos demasiado cheias.

1 – Entendo.

2 – É necessário uma certa flexibilidade. Uma capacidade de adaptação.

1 – Compreendo.

2 – Deve pois ter uma mão livre e na outra deve levar uma pedra.

1 – Entendo.

2 – E essa pedra pode ser utilizada para dois objectivos: partir um vidro ou uma cabeça. E está nas suas mãos, literalmente nas suas mãos, a decisão.

1 – Entendo.

2 – Uma revolução que corra bem utiliza as pedras para partir vidros.

1 – Entendo.

2 – Se correr mal: cabeças.

1 – Cabeças! Entendo.

2 – Meu caro, gostei de falar consigo. Vemo-nos às três?

1 – Sim, às três. Na praça central.

Sobre a revolução – ginástica individual e colectiva

- Aonde vais com tanta pressa?
- Vou para o centro.
- Para o centro?
- Sim, para a praça central.
- Que vais lá fazer?
- Uma revolução.
- Uma revolução? Como se faz isso?
- Assim. Levantas os braços e depois, com os braços muito lá em cima, agitas as mãos de um lado para o outro.
- Os braços para cima?
- Sim, isso mesmo. Agora agitas os braços lá em cima.
- Assim? Como um exercício de ginástica.
- Exactamente. Levantas bem os braços, abres as mãos e mexes depois os braços de um lado para o outro. Por vezes fechas a mão. E ficas com um punho no ar. Assim. Vês?

- Um exercício de ginástica, sem dúvida.
- Sim, uma ginástica social. Uma ginástica política.
- E depois? O que é necessário para fazer uma revolução? Como se faz isso?
- Depois, com os braços lá em cima, agitados, como se estivesses a ser empurrado pelo vento, começa também a gritar.
- A gritar? O quê?
- O quê, como?
- O que é que eu grito?
- Gritas o que quiseres. Ou então, se não souberes o que deves gritar, ouves os gritos que estão ao teu lado e repetes.
- Repito?
- Exactamente. Repetes, mas de uma forma individual.
- Como se faz isso? Repetir de uma forma individual?
- Repetes o conteúdo, mas a voz é tua. Ou então imitas o tom de voz de quem está ao teu lado, mas dizes algo diferente.
- Repetir mas de forma individual... que bela formulação.
- Exactamente.

– Portanto, por um lado uma ginástica política – uma ginástica de pernas, pés, braços e mãos –, mas que, em vez de ajudar na saúde individual, ajuda na saúde política.

– Exactamente.

– Em parte, é uma ginástica política porque são muitos a fazer esse gesto. É isso?

– Sim.

– Mas também há ginástica de grandes grupos. Na praia, por exemplo, juntam-se multidões para fazer exercícios. Qual é a diferença?

– A diferença é que os gestos que fazemos no centro da praça não são musculares, são gestos sociais.

– Gestos sociais? Como se fazem gestos sociais? Qual é a diferença entre um gesto social e um gesto que fazemos em casa, na nossa mesa da cozinha? Há músculos diferentes envolvidos?

– Não. São os mesmos músculos. Mas uma coisa é um músculo mexer-se só porque não quer ficar parado. Outra coisa é mexer-se porque quer que as coisas não estejam paradas.

– Ou seja: uma coisa é movimentares o teu corpo; outra, bem diferente, é movimentares o mundo.

– É isso. Ginástica altruísta ou ginástica egoísta.

– Muito bem.

O Torcicologologista, Excelência

- Avançamos para o centro?
- Sim, para o centro.

O treino violento para uma revolução democrática e ocidental

1 – Estamos aqui, como sabem, para treinar para uma revolução ocidental e democrática.

2 – Bravo! Muito bem! Força com eles!

3 – Vamos esmagá-los!

4 – Vamos cortar-lhes a cabeça!

5 – Já basta!

6 – Sim!

7 – Revolução já!

8 – Morte!

1 – Muito bem. Vamos então começar a nossa aula. Para fazermos uma boa revolução democrática e ocidental temos primeiro de treinar a voz. Ok? A voz!

2 – Muito bem!

3 – Bravo.

4 – Isso mesmo, a voz!

1 – Schiu, silêncio! Isso, silêncio.

Vão então repetir, depois de mim:

DÓ RÉ MI

Vá, todos:

Todos – (Em coro)

Dó Ré Fá.

1 – Não é assim, está mal. Como querem que as coisas depois corram bem se nos ensaios...?!

Outra vez: DÓ RÉ MI

Vá, de novo!

Todos – (Em coro)

DÓ RÉ MI

1 – Boa! Bravo.

Agora vamos às outras notas.

FÁ SOL LÁ SI DÓ. Todos de novo:

Todos – (Em coro)

FÁ SOL LÁ SI DÓ

1 – Boa, perfeito! À primeira!

2 – Maestro, maestro!

1 – Que foi?

2 – Há ali um, aquele ali, no canto, que em vez de LÁ SI DÓ, cantou: LÁ SI FÁ.

1 – FÁ?

2 – Sim, FÁ.

1 – Meu caro, chegue aqui, por favor. Você aí, no canto, o do FÁ em vez do DÓ.

3 – Eu?

1 – Sim, você.

Diga. Repita comigo: FÁ SOL LÁ SI DÓ.

3 – FÁ SOL LÁ SI FÁ.

1 – Não. Repita. FÁ SOL LÁ SI DÓ.

3 – FÁ SOL LÁ SI FÁ.

1 – Meu caro, vou fazer-lhe uma pergunta. Está preparado para responder?

3 – Sim.

1 – Gostava de fosse totalmente sincero.

3 – Muito bem.

1 – Diga-me, você é desafinado ou é um espião?

3 – Diante dessa pergunta sinto-me envergonhado. Tenho necessidade de baixar os olhos.

1 – Sem vergonha. Estamos entre amigos e camaradas.

3 – A verdade é que não sou espião. Sou é muito desafinado.

Todos – Oh!! (*exclamação geral*).

1 – Tenho pena, mas assim não nos poderá acompanhar na revolução. Uma revolução democrática e ocidental tem de ser afinada. Gritaremos, sim, mas no tom certo. FÁ SOL LÁ SI DÓ, entende?

3 – Entendo perfeitamente.

1 – Tenho muito pena, confesso. Mas não poderemos contar consigo. Talvez no futuro, noutros lados,

mas aqui não. Entende, não entende? A questão da afinação...

3 – Entendo perfeitamente... Em que canal...?

1 – Não sabemos. Se correr bem, vai passar em todos.

3 – Ficarei então a apoiar-vos em casa.

1 – Muito bem, agradecemos esse gesto. Adeus.

(Virando-se agora para o resto do grupo.)

Bem, agora, de novo: pescoços direitos, troncos direitos, músculos tensos e concentrados. Olhar fixo em frente. Preparados? Sem piedade. Com determinação e coragem. Força:

FÁ SOL LÁ SI DÓ

Vamos, todos. Sem piedade. Agora sim, a frase:

Coro – ISTO É INSUPORTÁVEL!

1 – Muito bem. Mas atenção ao LÁ SI. Vamos, de novo, é necessário treinar. Todos em coro, força!

Como se faz uma revolução.
Sobre o artesanato explosivo

– Mas como é que se faz uma revolução? Um artesão, por exemplo, pode fazer uma revolução como faz uma jarra?

– Não é bem a mesma coisa.

– Não?

– Uma revolução não é um objecto, não é uma escultura, não é sequer um edifício. Uma revolução não se faz como os engenheiros ou os artesãos fazem coisas.

– Não?

– Uma revolução é uma coisa que não se vê, que não tem um material. Não é feita de pedra, nem de madeira nem de barro.

– Que estranho.

– Exactamente. Uma revolução não ocupa espaço, mesmo depois de ser feita.

– Não ocupa espaço? Não tem largura, comprimento ou altura? Se é assim, então não existe.

– Existe sim. Uma revolução, por exemplo, altera as leis.

– As leis...

– Exactamente. As leis são também coisas que não ocupam espaço como uma mesa ocupa espaço, mas na verdade são essenciais.

– Isso bem sabemos.

– Na verdade, pensando bem, as leis até ocupam espaço, bem mais espaço do que um palácio.

– Como assim?

– As leis ocupam todo o espaço de um país, só que não se vêem. Não pesam.

– Não percebo.

– É assim mesmo. As leis são como o oxigénio: estão em todo o lado mas não as vêem.

– É uma formulação possível, mas estranha.

– E é por isso mesmo que as revoluções são importantes. As revoluções alteram o oxigénio, a atmosfera, em suma, as leis – e isso é que é significativo. Deitar abaixo prédios ou palácios ou mandar construir novos palácios, isso é pouco relevante.

– Pensava que um dos passos imprescindíveis para uma revolução era deitar edifícios abaixo.

– Isso é para crianças. O mais difícil é deitar abaixo certas leis e pôr, no seu lugar, outras. Isso é que é complicado.

– Portanto, a revolução não é apenas uma ginástica social ou política.

– É isso. Quando levantas os braços ao lado de milhares de outros braços, o que parece uma aula de ginástica colectiva passa a ser uma revolução se, em vez de dizeres: 1, 2, 3, disseres: *acabemos com a lei Y*. Entendes?

– Mais ou menos.

– Uma aula de ginástica e de treino coral transforma-se em revolução se os gestos forem dirigidos politicamente e se o conteúdo dos cantos for também político. Ou seja, reclamam uma mudança de oxigénio, uma mudança de ar na cidade.

– De ar...

– Trata-se de mudar as leis, ou seja, as palavras que estão num código legislativo.

– No fundo, faz-se uma revolução para mudar de letras. É isso?

– Não é para mudar de letras, não. As letras são as mesmas. Uma revolução não muda de alfabeto. Nas revoluções não se exige passar do nosso alfabeto para o alfabeto cirílico, por exemplo.

– Mas isso sim, seria uma grande revolução.

– Talvez. Mas o que se exige é mudar a ordem das letras, a combinação das letras, a forma como as letras

– ao lado umas das outras – formam palavras. No fundo, queremos uma nova combinação entre palavras.

– As revoluções seguem assim a metodologia que alguns poetas aconselhavam: promover uma nova combinação de palavras. Encontros raros entre palavras, era uma das definições de poesia.

– Uma nova combinação entre palavras velhas, entre palavras que já existiam.

– Exacto.

– É isso que é mudar de leis: mudar a combinação das velhas palavras. Por exemplo, onde estava um SIM aparece um NÃO, e vice-versa.

– Fazemos então uma revolução para encontrar novas combinações de linguagem.

– Como os poetas, eu diria que, se necessário, pegam em dinamite.

– Mas não há dinamite poético – ou há?

– Ah, meu caro, meu caro!, sabe tão pouco de substantivos como de explosivos.

O dinheiro como matéria-prima

– Um homem que trabalhava o dinheiro: a sua matéria-prima eram as notas, as moedas.

– Um bancário, um economista, Excelência?

– Não. Um artesão que pegava no dinheiro e o tornava mais belo, esculpia-o como se faz com a pedra. Um artesanato monetário, um artesanato que só existe no hospício pois é um artesanato que estraga dinheiro, que destrói o que é mais precioso.

– O que fazia ele então?

– Humanizava as notas.

– Humanizava como?

– Não se tratava de as fazer com bons sentimentos, as coisas são o que são desde que nascem até ao fim dos seus dias. O que ele humanizava era a forma do dinheiro.

– Como?

– Transformava a forma rectangular das notas noutra coisa.

– Noutra?

– Fazia braços, pernas, cabeça.

– Com quê?

– Com a tesoura e outros materiais.

– A tesoura, um instrumento cortante, para humanizar... Estranho.

– Eis o que é humanizar: transformar o rectângulo neutro das notas em braços, pernas e cabeça. E o mesmo fazia com a forma circular das moedas. Unia moedas e notas entre si, de maneira a fazer figuras humanas.

– Aproveitar moedas... parece-me bem.

– Uma moeda pequena era uma cabeça pequena.

– Uma moeda pequena – uma cabeça de menino.

Uma moeda grande, uma cabeça de adulto.

– Enrolava as notas e fazia delas pernas. Era tudo assim. E o mais absurdo é que utilizava dinheiro verdadeiro.

– Verdadeiro?

– Sim, e de várias notas valiosas e de várias moedas fazia uma escultura humana.

– E o preço final?

– Era absurdamente pequeno.

– Não entendo.

– O preço final era mais baixo que uma única das moedas que ele utilizava na sua escultura.

– Não dava importância ao seu trabalho? Era isso?

– Dava, dava. Aliás, o valor que ele atribuía às peças era avaliado apenas pelo seu esforço e capacidade intelectual, digamos assim, das suas mãos. À matéria-prima é que ele não dava valor nenhum.

– Ao dinheiro...

– Sim, para ele, louco, aquilo não era valioso. Para ele, as notas eram papel e as moedas eram apenas pedrinhas achatadas e circulares.

– Pedras bonitas, pelo menos. As moedas são pedras bonitas, não?

– Sim. Se alguém na praia encontrasse uma dessas pedras ficaria contente com aquela forma tão perfeita, isso é certo.

– As moedas são esculturas industriais, mas não deixam de ser esculturas.

– Artesanato que utilize dinheiro como matéria-prima, Excelência, eis o futuro.

– Eis, eis!